

A Eucaristia na Bíblia e a Bíblia na Eucaristia (II)

JOÃO ALBERTO SOUSA CORREIA

II. A Bíblia na Eucaristia

«É enorme a importância da Sagrada Escritura na celebração da Liturgia. Porque é a ela que se vão buscar as leituras que se explicam na homilia e os salmos para cantar; com o seu espírito e da sua inspiração nasceram as preces, as orações e os hinos litúrgicos; dela tiram a sua capacidade de significação as acções e os sinais»⁴⁸.

É esta afirmação do Concílio Vaticano II que nos faz passar da *Eucaristia na Bíblia* à *Bíblia na Eucaristia*, isto é, ao uso dos textos bíblicos na celebração da Eucaristia e ao carácter marcadamente bíblico de uma boa parte dos momentos da celebração (preces, orações e hinos litúrgicos), pois que a Palavra de Deus está presente em toda a acção litúrgica, conferindo-lhe significado e evidenciando a conexão estreita que existe entre a Palavra e o Sacramento⁴⁹.

Na celebração, Deus fala ao seu povo com a Palavra da Escritura e este responde-lhe com a mesma Palavra (a celebração é lugar de encontro, de diálogo e de comunicação de Deus com os homens), guiado pelo mesmo Espírito que possibilita e anima os acontecimentos bíblicos.

⁴⁸ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição sobre a Sagrada Liturgia, *Sacrossantum Concilium*, n.º 24. A partir de agora, este documento será citado apenas com as suas iniciais: SC.

⁴⁹ Cfr. SC, n.º 56.

Conforme recomendação do Concílio⁵⁰, a Bíblia é usada de forma significativa na Eucaristia, quer na proclamação das leituras, quer mesmo no próprio ritual da celebração, como de seguida se apresenta, percorrendo os diferentes momentos da celebração da Eucaristia.

A partir de quanto, até ao momento, foi dito, podemos afirmar que «a Sagrada Escritura e a celebração litúrgica são inseparáveis, sobretudo na Eucaristia, em que Cristo, Pão da vida descido do céu, se dá aos homens como alimento espiritual e como alimento sacramental na dupla mesa da Palavra e do Sacrifício (...), até ao ponto que a Liturgia da Palavra e a Liturgia Eucarística constituem um só acto de culto (SC 56). Não pode haver celebração sem proclamação da Palavra de Deus, que suscite a fé e motive a oração e o gesto ritual do sacramento»⁵¹.

Por outras palavras, «Bíblia e liturgia possuem entre si uma relação recíproca. A primeira significa o anúncio, a profecia, a revelação – *com factos e palavras* (DV 2) –; a segunda é actualização, cumprimento, continuação no tempo daqueles factos e palavras decisivos para a nossa salvação que Jesus Cristo realizou no Mistério Pascal»⁵².

A nossa intenção ou pretensão não é apresentar a fundamentação e compreensão teológicas da presença e significado da Palavra de Deus na liturgia⁵³ nem explicar cada um dos momentos da celebração – há imensa literatura da área da liturgia que o faz muito bem e de forma ampla⁵⁴ –, mas mostrar como neles a Palavra de Deus ocupa um lugar muito importante, pelo uso directo que dela se faz ou pelo facto de se a adoptar como instância inspiradora e modeladora da maior parte desses momentos.

Além disso, dedicaremos um capítulo à organização e ao espírito do Ano Litúrgico, pois também ele tem muito a ver com a Escritura, onde bebe a inspiração e o modelo pedagógico que o caracterizam. De facto, o Ano Litúrgico inspira-se claramente na Escritura e nos acontecimentos fundamentais da fé nela apresentados.

⁵⁰ «Seja mais abundante, variada e bem adaptada a leitura da Sagrada Escritura nas celebrações litúrgicas» (SC, n.º 35, 1); «Prepare-se para os fiéis, com maior abundância, a mesa da Palavra de Deus: abram-se mais largamente os tesouros da Bíblia, de modo que, dentro de um período de tempo estabelecido, sejam lidas ao povo as partes mais importantes da Sagrada Escritura» (SC, n.º 51). Igual recomendação se faz para a Liturgia das Horas (SC, n.º 92 a).

⁵¹ J. LÓPEZ MARTÍN, *«En el Espíritu y la verdad»*, ed. Secretariado Trinitario, Salamanca 1987, p. 254.

⁵² *Ibid.*

⁵³ Cfr. *Ibid.*, pp. 255-268.

⁵⁴ Cfr., entre tantos outros possíveis, X. BASURKO, *Para compreender a Eucaristia*, ed. Gráfica de Coimbra, Coimbra 2004; J. LÓPEZ MARTÍN, *o. c.*, pp. 253-285.

1. O uso da Bíblia na celebração da Eucaristia

A Palavra de Deus está nos fundamentos e na identidade do povo que se reúne em celebração, porque o convoca (cfr. *Ex* 12; 20, 1-2) e o constitui em assembleia litúrgica (cfr. *Ex* 12; *Act* 1-2; *1 Pe* 2, 1-10) que responde à proposta de Deus.

Por outro lado, a própria palavra *Eucaristia* é de matriz bíblica. Trata-se de uma palavra grega (*eucharistia*) que significa genericamente *agradecimento, acção de graças, oração de agradecimento, gratidão*. Remete naturalmente para tantos gestos e atitudes de reconhecimento que caracterizam a história da relação de Deus com o seu povo e deste com Deus, como se demonstrou na primeira parte deste artigo. Quer no Antigo quer no Novo Testamento, o povo é chamado a reconhecer quanto Deus fez e faz por si e a exprimi-lo em orações de louvor de que nos dá conta a própria Escritura.

Os diferentes momentos da celebração eucarística usam directamente a Escritura e reproduzem – ou, no mínimo, são inspirados por – gestos ou atitudes bíblicas, como a seguir apresentamos e comentamos de forma breve e sucinta.

1.1. Saudação inicial

Desde logo, a saudação inicial («A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito estejam convosco»⁵⁵), no seu todo e nas suas partes (graça, amor e comunhão), é profundamente bíblica.

Além de ser inspirada na Sagrada Escritura, era certamente uma fórmula litúrgica usada nas celebrações das comunidades cristãs onde os textos das *Cartas de Paulo* conheceram a sua génese. Por isso mesmo, e por muitas outras razões, podemos concluir que, antes de a Escritura inspirar a celebração da fé da comunidade crente, foi a celebração a inspirar a Escritura (exemplo disso parece ser *Lc* 24, 13-35). Efectivamente, sofrendo alguns retoques redaccionais, alguns dos textos da liturgia das primeiras comunidades crentes entraram no texto da própria Escritura⁵⁶ tornando-se textos modelares para as comunidades cristãs de todos os tempos.

⁵⁵ Veja-se a semelhança desta fórmula litúrgica com a saudação inicial ou final das *Cartas de Paulo*: «A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo estejam com todos vós». As semelhanças são extensivas à maior parte das saudações ou despedidas de quase todas as cartas paulinas.

⁵⁶ É o caso da oração do Pai Nosso, na versão de *Mt* 6, 9-13, do prólogo do Evangelho de S. João (*Jó* 1, 1-18) e dos hinos das *Cartas de Paulo* (cfr. *Ef* 1, 3-14; *Fl* 2, 6-11; *Cl* 1, 15-20).

1.2. Acto Penitencial

Também é bíblico o pedido «Senhor, tende piedade de nós», inspirado na fórmula «(Jesus), Filho de David, tem misericórdia de mim» (*Mc* 10, 47.48; cfr. *Mt* 9, 27; 20, 30.31; *Lc* 18, 38). Aquilo que, à primeira vista, parece ser apenas um pedido, é também e sobretudo uma confissão de fé e um acto de louvor. Tem esse sentido no texto bíblico, como o tem na liturgia.

De resto, são muitas as passagens da Escritura em que quem se considera pecador, confiante na misericórdia de Deus, pede perdão a Deus e aos outros pelas suas faltas e o faz publicamente, por palavras ou por gestos (cfr. *Sl* 6; 25; 51; 2 *Sm* 12, 13; *Jn* 3 e muitos outros textos).

Na celebração da Eucaristia, ao rezar a «Confissão», não estamos a utilizar um texto bíblico, mas a atitude é a mesma de tantos pecadores de que nos falam os textos bíblicos.

1.3. Glória

«*Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens por Ele amados*» (*Lc* 2, 14) é o anúncio do anjo aos pastores. Repetimo-lo – recitando ou cantando – nas celebrações eucarísticas dominicais e festivas do ano litúrgico, com excepção dos Tempos do Advento e da Quaresma, bem como dos dias feriais.

O restante texto do *Glória* é um acto de louvor e de proclamação de fé no Pai e no Filho, mediante o Espírito Santo. Em algumas das suas partes, está cheio de reminiscências bíblicas: os títulos usados para Deus Pai («Senhor Deus», «Rei dos céus», «Deus Pai todo-poderoso») são usados, com alguma frequência, na Escritura, particularmente no Novo Testamento; o mesmo se pode dizer dos títulos usados para Jesus Cristo («Filho [Unigénito]» [*Mt* 3, 17; *Mc* 1, 11; *Lc* 3, 22]); «Senhor Deus» [*Jo* 20, 28]; «Cordeiro de Deus» [*Jo* 1, 29]). Por último, atribuem-se a Jesus os mesmos títulos que, no AT, eram atribuídos a Deus Pai (Santo [cfr. *Lv* 19, 2; *Is* 6, 3]; Senhor [*Lv* 18, 2.5.6, etc.]; Altíssimo [*Nm* 24, 16; *Dt* 32, 8; 2 *Sm* 22, 14]⁵⁷).

De facto, a salvação por Jesus trazida e que se vislumbra no menino nascido em Belém é motivo para a glória cósmica, sinal e garantia da paz messiânica, prometida em *Is* 11, 1-10 e realizada em Jesus. Os destinatários dessa paz são os homens amados por Deus.

Pela relação que se estabelece entre os dois termos *glória* e *paz*, podemos afirmar que dar glória a Deus é a condição para ter paz e construir a paz entre os homens é a melhor forma de dar glória a Deus.

⁵⁷ «Filho do Altíssimo» é também um dos nomes dado pelo anjo Gabriel, na Anunciação, ao menino que vai nascer (cfr. *Lc* 1, 32).

1.4. Leituras

A leituras são tiradas dos textos bíblicos, de forma contínua ou por temas (leitura contínua ou temática, prevalecendo a primeira nos dias feriais e a segunda nos domingos e solenidades) e organizadas em função da proclamação da Palavra de Deus na liturgia, no *Leccionário*, verdadeiro tesouro bíblico⁵⁸. De entre as leituras, «os Evangelhos têm o primeiro lugar, enquanto são o principal testemunho da vida e doutrina do Verbo encarnado, nosso Salvador»⁵⁹. Por isso, a leitura do evangelho é o auge da Liturgia da Palavra.

Os critérios para a distribuição e uso das leituras são resumidamente os seguintes:

– *Domingos e dias santos ou solenidades*: a primeira leitura é tirada de um dos livros do *AT* e o Salmo Responsorial, como é lógico, do livro dos Salmos⁶⁰; a segunda leitura é tirada de um dos livros do *NT*, quase sempre de uma das *Cartas de Paulo* ou de uma das *Cartas Católicas* (*Tg*; *1 e 2 Pd*; *1, 2 e 3 Jo*; *Jd*); o evangelho é retirado de um dos evangelistas sinópticos (*Mateus* no Ano A, *Marcos* no ano B, e *Lucas*, no Ano C), com a particularidade de, nas solenidades, ser, com muita frequência, do evangelista *João*.

O evangelho apresenta sempre uma relação muito estreita com a primeira leitura⁶¹, podendo ser relacionados, lidos e interpretados segundo o habitual esquema de interpretação dos acontecimentos neo-testamentários que esteve na origem dos textos do *NT*: profecia (*AT*) – realização (*NT*). A fazer a ligação entre os textos das leituras está a pessoa de Jesus Cristo. «Estando no centro da história, Cristo ressuscitado ilumina com a clareza do Mistério Pascal, tanto o Antigo Testamento, que adquire assim o seu pleno significado, como o Novo Testamento, prolongado na história da Igreja, que arranca do Mistério da Páscoa (cfr. *DV* 14-20)»⁶².

Também o Salmo vem habitualmente a propósito, funcionando como uma síntese da mensagem da primeira leitura e como elo articulador com o texto do evangelho.

– *Féria (Semana)*: há apenas duas leituras, sendo a primeira de um dos livros do *AT* ou de um dos livros do *NT*, à exceção dos evangelhos.

⁵⁸ Cfr. *SC*, n.º 51.

⁵⁹ *DV*, n.º 18.

⁶⁰ No Tempo Pascal, a primeira leitura é retirada habitualmente do Livro dos *Actos dos Apóstolos* «que atestam a presença de Cristo e a eficácia da sua Páscoa por obra do Espírito Santo, no tempo que vai da ressurreição à parusia» (P. SORCI, «Lezionario per l'Eucaristia», in M. SODI – A. TRIACCA, *Dizionario di Omiletica*, ed. Edde di Ci – Ed. Velar, Leumann – Gorle, p. 793).

⁶¹ «La recuperación de la lectura del Antiguo Testamento pela liturgia renovada depois do Vaticano II representa una riqueza incalculable para la Iglesia» (J. LÓPEZ MARTÍN, *o. c.*, p. 266).

⁶² J. LÓPEZ MARTÍN, *o. c.*, p. 265.

As leituras feriais não se repetem de um ano para o outro, porque os anos ímpares têm umas leituras e os anos pares têm outras. O evangelho é tirado de um qualquer dos evangelistas, apresentando habitualmente alguma relação com a primeira leitura.

Desta forma, se procura oferecer aos fiéis, com abundância e variedade, o pão da Palavra de Deus, conforme as determinações do Concílio: «Prepare-se para os fiéis, com maior abundância, a mesa da Palavra de Deus: abram-se mais largamente os tesouros da Bíblia, de modo que dentro de um período de tempo estabelecido, sejam lidas ao povo as partes mais importantes da Sagrada Escritura»⁶³.

1.5. Homilia

Do lugar da proclamação das leituras – o ambão, mesa da palavra – ou da cadeira presidencial é feita a homilia, «exposição dos mistérios da fé e das normas da vida cristã no decurso do ano litúrgico e a partir do texto sagrado»⁶⁴. Explicar a Palavra e aplicá-la à vida são os dois grandes objectivos da homilia e os dois critérios fundamentais para a sua execução e valorização. De facto, «a homilia expõe e aclara os conteúdos das leituras e, especialmente, do evangelho, em ordem à celebração do Mistério de Cristo ao longo do Ano Litúrgico»⁶⁵.

O procedimento de proclamar os textos e comentá-los de seguida é claramente bíblico, como se pode ver em *Ne* 8, 8 («Liam, clara e distintamente, o livro da Lei de Deus e *explicavam* o seu sentido, de modo que se pudesse compreender a leitura»); em *Lc* 4, 16-21 (na sinagoga de Nazaré, Jesus lê *Is* 61, 1-2 e faz um comentário brevíssimo: «cumpriu-se hoje esta passagem da Escritura, que acabais de ouvir»); e em *Lc* 24, 27 («E, começando por Moisés e seguindo por todos os Profetas, *explicou-lhes*, em todas as Escrituras, tudo o que lhe dizia respeito).

Uma boa proclamação das leituras – que possibilita a escuta atenta e a percepção dos textos por parte da assembleia – e uma particular atenção aos textos bíblicos – na preparação e execução da homilia levada a cabo pelo presidente da celebração – são condições fundamentais para que esta parte da celebração tenha o devido enquadramento e cumpra os seus objectivos.

⁶³ CONCÍLIO VATICANO II, Constituição sobre a Sagrada Liturgia, *Sacrossantum Concilium*, n° 51.

⁶⁴ *Ibid.*, n° 52. Para uma abordagem mais demorada e detalhada da homilia, cfr. AA. Vv., *A Homilia*, ed. Paulinas, São Paulo 1983.

⁶⁵ J. LÓPEZ MARTÍN, *o. c.*, p. 276.

1.6. Credo e Oração Universal

O *Credo* é uma síntese dogmática das principais verdades da Escritura. As afirmações que faz acerca do Pai, do Filho, do Espírito e, em parte, da Igreja, encontram nos textos bíblicos o seu primeiro fundamento, a partir do qual se procedeu à formulação dogmática⁶⁶. É certo que espelham uma reflexão teológica posterior, mas não deixam de ter na Escritura a fonte de inspiração, o ponto de partida e o fundamento.

De resto, a confissão da fé é uma das atitudes mais frequentes da Sagrada Escritura e, por isso mesmo, uma das coordenadas fundamentais do texto bíblico, como se pode ver em inúmeras páginas, quer no *Antigo* quer no *Novo Testamento*.

Também a *Oração Universal* (ou *Oração dos Fiéis*) não deixa de encontrar nas preces da Escritura e na atitude de tantos homens e mulheres bíblicos o modelo inspirador. Invocar Deus a partir das necessidades do povo é uma prática frequente no texto bíblico, ainda que o carácter universal dessa invocação seja de teor mais litúrgico que bíblico.

1.7. Ofertório

O pão e o vinho apresentados ao altar fazem-nos lembrar as ofertas do Povo de Israel no Templo de Jerusalém (cfr. *Lv* 1-7). São o reconhecimento de que tudo depende de Deus (é esse o sentido da oferta das primícias dos campos e dos rebanhos) e que se está disposto a oferecer-lhe aquilo que Ele mesmo dá ao povo, a vida, simbolizada e alimentada pelos alimentos básicos do pão e do vinho.

Jesus Cristo refere-se a estas ofertas e faz sentir a necessidade de estar de bem com todos para que a oferta seja verdadeira (*Mt* 5, 23-24: «Se fores apresentar uma oferta sobre o altar e ali te recordares de que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa lá a tua oferta diante do altar, e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão; depois, volta para apresentar a tua oferta»).

Na estrutura da celebração, o momento da reconciliação com os outros surge um pouco mais adiante, antes da comunhão, mas traduz a mesma ideia e encontra na sugestão de Jesus Cristo o modelo inspirador desta atitude. Se a sua localização é discutível, não se discute o seu sentido nem a sua necessidade em ordem a uma coerente celebração da eucaristia.

⁶⁶ Por razões óbvias, não nos detemos na citação de textos da Escritura em que se alicerçam ou inspiram cada uma das afirmações do *Credo*, podendo o leitor fazê-lo por sua própria conta, consciente, contudo, do carácter árduo deste trabalho, em virtude da sua extensão.

1.8. Consagração

As palavras da *Consagração* são retiradas dos textos da instituição da Eucaristia, de que já falámos (cfr. *Mt* 26, 26-29; *Mc* 14, 22-26; *Lc* 22, 17-20; *1 Cor* 11, 23-26) e, por isso, nos dispensamos de mais comentários. Convém apenas lembrar algo que, na primeira parte deste artigo, já se afirmou: os textos da instituição da Eucaristia espelham fórmulas litúrgicas estereotipadas já usadas pelas comunidades cristãs, ao tempo da composição dos livros que delas dão conta. Também aqui se regista uma prévia influência da liturgia na Escritura.

Logo após a Consagração, a *Anamnese* sintetiza a postura neo-testamentária face ao mistério de Jesus: «anunciamos, Senhor, a vossa morte, proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus». Neste último pedido, ecoam as palavras finais do livro do Apocalipse (cfr. *Ap* 22, 20).

O articulado da *Oração Eucarística* não é propriamente bíblico, mas acaba por fazer inúmeras referências a conceitos e a posturas bíblicas, o que nos permite concluir que, também neste caso, o texto surge a partir da Escritura, tomando-a como modelo inspirador.

1.9. Pai Nosso

O *Pai Nosso* é a oração que Jesus ensinou aos seus discípulos. O texto que rezamos nas celebrações é o de Mateus (*Mt* 6, 9-13), mais longo, ritmado e cadenciado que a versão apresentada por Lucas (*Lc* 11, 2-4)⁶⁷.

O mais provável é que o evangelista Mateus o tenha recolhido já segundo a sua formulação litúrgica, no âmbito das celebrações das primeiras comunidades cristãs. Podemos, por isso, afirmar que o texto de Mateus será o *Pai Nosso* como era rezado pelos primeiros cristãos por altura da escrita do primeiro evangelho (um pouco depois do ano 80). Mais um caso em que, antes de a liturgia ser tributária da Escritura, esta foi tributária da liturgia.

A oração do *Pai Nosso* é uma síntese bíblica elaborada em contexto litúrgico. Na verdade, as afirmações que se fazem e os pedidos que se formulam são de claro sabor bíblico, como é o caso de «santificado seja o teu nome», expressão frequente na Escritura e no judaísmo.

⁶⁷ Na versão de Mateus, o *Pai Nosso* apresenta sete petições, ao passo que, na de Lucas, apresenta apenas cinco. Não sabemos qual das versões é mais antiga, mas parece claro que a mais litúrgica é a de *Mateus*.

1.10. Paz, Cordeiro e convite para a Ceia do Senhor

Além do significado do gesto, atrás evocado, os textos bíblicos estão cheios de apelos à paz e uma das Bem-aventuranças diz assim: «Felizes os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus» (Mt 5, 9).

A saudação da paz é uma resposta aos muitos apelos de Jesus Cristo a que vivamos em paz com os outros, assim como é o gesto que traduz a coerência entre o que se celebra, em sede comunitária, e o que se vive (a coerência traduz a verdade do cristão face à vida e à celebração).

Assim como Jesus Cristo nos dá a paz (Jo 14, 27: «Deixo-vos a paz; dou-vos a minha paz»), assim também somos, neste momento, convidados a dar a paz ao próximo e a assumir o compromisso de fazer tudo para viver em paz.

A invocação «Cordeiro de Deus...», assim como as afirmações do presidente da celebração («Felizes os convidados para a Ceia do Senhor. Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo») e a resposta humilde do povo no momento do convite para a Ceia do Senhor («Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada, mas dissei uma só palavra e eu serei salvo») são claramente bíblicas. No primeiro caso, veja-se o testemunho de João Baptista acerca de Jesus (cfr. Jo 1, 29); no segundo, a afirmação do centurião romano que pede a cura do servo (cfr. Mt 8, 8; Lc 7, 6-7).

1.11. Comunhão e Acção de Graças

A união a Deus e aos irmãos que a comunhão sacramental do Corpo de Cristo gera aparece nos textos de S. Paulo (cfr. 1 Cor 11, 17-34) e, porque já foi abordada na primeira parte deste artigo, dispensámo-nos de a voltar a apresentar.

Fala-se sim da *Acção de Graças*, atitude muito frequente na Bíblia. São muitos os textos em que os personagens bíblicos dão graças a Deus pelo que Ele realizou em seu favor (cfr., a título de exemplo, Sl 21; 30; 40; 66; 67; 100; 116; 118; 124; 136; 138).

Numa expressão de gratidão pelo grande dom de Cristo que se faz presente na comunhão, a assembleia detém-se em agradecimento no momento do pós-comunhão, uma atitude que exprime a gratidão do homem a Deus pelo muito que este faz em relação à humanidade. Além da importância desta atitude, podemos destacar a sua antiguidade. De facto, ela é tão antiga quanto a da relação do homem com Deus.

2. Na organização do Ano litúrgico

A Sagrada Escritura também inspira e interfere muito no sentido e na organização do Ano Litúrgico, assim como este se apoia imenso nos textos da Escritura para fundamentar e pôr em marcha a pedagogia que o caracteriza. E compreende-se que seja assim, porque a Escritura surge a partir da revelação de Deus na vida de um povo e o Ano Litúrgico tem a finalidade pedagógica de ajudar os crentes a acolher e celebrar Deus na sua vida (propõe-se como um itinerário muito completo da celebração da fé).

Se ao longo do Ano Litúrgico se celebra os principais acontecimentos relativos a Jesus Cristo, narrados nos evangelhos⁶⁸, assim se compreende que use para cada um dos tempos litúrgicos textos apropriados à celebração dos principais mistérios:

– No *Advento* (começa no Domingo a seguir à Festa de Cristo Rei do Universo e estende-se ao longo dos quatro domingos antes do Natal), em atitude vigilante, prepara-se a vinda do Messias. As figuras fundamentais deste tempo litúrgico são Isaías, João Baptista e Maria. Do primeiro, fala ele próprio, daí que a primeira leitura seja, com frequência, retirada do seu livro. De João Baptista e Maria nos falam os evangelhos, sendo proclamadas, em Tempo de Advento, algumas das passagens que a eles dizem respeito, ainda que vistos sempre como aqueles que apontam mais directamente para o Messias.

– No *Natal* (das Vésperas I de Natal até ao Domingo depois da Epifania), predomina a referência à luz que brilha nas trevas, à encarnação, à alegria, à paz trazida pelo Príncipe da Paz (são lidos os textos que apresentam os temas referidos e a atenção centra-se em Jesus Menino proposto pelas *narrativas da infância* [Mt 1-2; Lc 1-2]).

– Na *Quaresma* (da Quarta-Feira de Cinzas até à Missa Crismal, em Quinta-Feira Santa), a tónica celebrativa é a mudança de vida. Por isso, são proclamados os textos vetero e neo-testamentários que convidam à conversão, ao arrependimento e à prática das obras de misericórdia.

– No *Tríduo Pascal* (desde a Missa da Ceia do Senhor, na Quinta-Feira Santa à tarde até às Vésperas do Domingo da Ressurreição), os textos da Paixão e Morte de Jesus, presentes em todos os evangelistas, marcam presença nas diferentes celebrações que acontecem nestes dias (Instituição da Eucaristia, Celebração da Paixão do Senhor, Sepultura de Jesus Cristo e sua Ressurreição).

– Na *Páscoa* (do Domingo de Páscoa até ao Domingo de Pentecostes), os textos proclamados falam da libertação da opressão do Egipto (Êxodo), da libertação do pecado, da vitória de Cristo sobre a morte e da alegria que isso

⁶⁸ Cfr. SC, n° 102.

gerou e gera na vida dos cristãos (são usadas as narrativas pascais dos diferentes evangelistas).

– Nas principais *festas e solenidades* (Santíssima Trindade, Corpo e Sangue de Cristo, Sagrado Coração de Jesus, entre outras), a liturgia oferece-nos para reflexão textos escolhidos em conformidade com o mistério celebrado e, por isso, apropriados à celebração.

– E durante os restantes *Domingos do Tempo Comum* (entre a Segunda-Feira a seguir ao Domingo que ocorre depois do dia 6 de Janeiro e a Terça antes da Quarta-Feira de Cinzas, assim como entre a Segunda a seguir ao Pentecostes e o Sábado depois da Festa de Cristo Rei), ajuda-nos a reflectir sobre diversos temas da nossa fé e a celebrar o mistério da pessoa de Jesus Cristo nos seus diferentes aspectos, facultando uma visão global acerca da sua pessoa.

Conclusão

Numa primeira parte, falamos da *Eucaristia na Bíblia*. Remetemos para a conclusão parcial dessa primeira parte do artigo.

Na segunda parte, abordámos a *Bíblia na Eucaristia*, quer na celebração da Eucaristia quer na organização do Ano Litúrgico. Percebemos a forte presença da Escritura, enquanto texto e paradigma, na celebração da Eucaristia – o mesmo se pode dizer das restantes celebrações, sacramentais ou não –. De facto, não há nenhum momento da celebração em que a Escritura não ocupe um lugar de relevo, pelos textos que empresta, pelas atitudes que sugere e pelo modelo inspirador que apresenta.

Da percepção desta relação estreita dependerá um maior sentido na celebração do sacramento, porque devidamente fundamentado naqueles que são os textos fundadores da comunidade crente que, na celebração da Eucaristia, (re)define constantemente a sua identidade e alicerça a sua fé.

Podemos concluir afirmando que a Eucaristia se fundamenta na Sagrada Escritura e que esta é essencial na celebração da Eucaristia. Por seu turno, usando a Escritura, a Eucaristia fundamenta e alimenta a nossa vida cristã com o pão da Palavra de Deus e o pão do Corpo de Cristo.